



Título original: *Up From Slavery: An Autobiography*

© da tradução by herdeiros de Graciliano Ramos

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Imagens de capa: *Retrato de Booker T. Washington* (detalhe), por Robert Templeton. | Aula para estudantes, Tuskegee Institute University.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Washington, Booker T., 1856-1915

Memórias de um negro americano / Booker T. Washington;
tradução Graciliano Ramos. – 3.^a edição – Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 2020. – (Clássicos de Ouro)

144 p.

Título original: *Up from slavery : an autobiography.*

ISBN 978-65-5640-116-4

1. Afro-americanos - Autobiografia 2. Educadores - Estados Unidos
- Autobiografia 3. Tuskegee Instituto 4. Washington, Booker T.,
1856-1915 I. Título. III. Série.

SUMÁRIO

Prefácio

I — Um escravo entre escravos

II — Minha infância

III — Luta pela educação

IV — Auxílio aos outros

V — O despertar

VI — Negros e índios

VII — Princípios de Tuskegee

VIII — Aulas numa estrebaria e num galinheiro

IX — Dias de angústia e noites de insônia

X — Uma tarefa difícil

XI — Fabricação de móveis

XII — Procura de recursos

XIII — Um discurso de cinco minutos

XIV — O discurso da exposição de Atlanta

XV — O êxito na arte oratória

XVI — Viagem à Europa

XVII — Últimas palavras

PREFÁCIO

Em 1881 o Brasil, tornado independente 59 anos antes, era uma monarquia constitucional liberal. Assim, teoricamente, seu povo deveria ser constituído por cidadãos e cidadãs livres e iguais, gozando de “pleno direito a vida, liberdade e busca da felicidade”, como estabeleceu a Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1776.¹ Mas não era bem assim. Naquele momento, o país ainda hesitava em extinguir totalmente o sistema escravista, e não tinha nenhum projeto socioeducativo para a maioria de sua população, constituída de ex-escravos e descendentes.

Nos Estados Unidos da América, república presidencialista com sistema constitucional em vigor desde 1789, era criado, em 1881, o primeiro estabelecimento educacional especialmente voltado para a juventude negra. E este evento histórico é uma das razões da grande distância do Brasil em relação ao país de Booker T. Washington.

Nascido escravizado, aos dezesseis anos Booker Taliaferro Washington (cujo primeiro sobrenome remete ao patrão de sua família) iniciou seus estudos no Hampton Institute, onde se tornou professor. A partir dessa experiência, fundou o Instituto Tuskegee — mais que um simples educandário, pois conformava um grande centro comunal, com cursos especiais para profissionais como pastores, professores, fazendeiros,

empreiteiros etc. Na visão de seu fundador, seria um núcleo de aprimoramento e melhoria do povo negro. E assim, tornou-se a semente da atual Universidade Tuskegee, a partir da qual, ao longo do século XIX, foram criadas nos Estados Unidos mais de cinquenta universidades negras.

Contando com a decisiva colaboração da professora Olivia A. Davidson, “mulher de inteligência rara”, segundo ele, e que mais tarde se tornaria sua esposa, Booker Washington desenvolveu seu projeto. Inclusive, conforme escreveu na presente biografia, a ideia de que “a educação puramente livresca não convinha a uma escola de pretos” foi verbalizada por Olivia.

Entretanto, as propostas de Washington, baseadas no tripé “propriedade material, respeitabilidade social e instrução industrial”, foram contestadas, principalmente por W. E. B. Du Bois, autor *The Souls of Black Folk*,² publicado em 1903. Primeiro negro a doutorar-se em filosofia pela Universidade de Harvard, a partir de 1905 Du Bois opôs-se a Washington, inclusive publicando um livro no qual considerava a “filosofia Tuskegee” conservadora e subserviente. Nessa obra, incluía-se o ensaio “Sobre o sr. Booker T. Washington e outros”, em que atacou o discurso de Washington sobre o “Compromisso de Atlanta” (acordo firmado em 1895 por ele e outros líderes com lideranças brancas do Sul), acusando-o de abandonar a luta pelos direitos dos negros e aceitar a segregação em troca de ganhos econômicos enganosos.

Em contrapartida, os seguidores de Washington viam a NAACP (*National Association for the Advancement of Coloured*

People) de Du Bois como apenas uma tentativa de preservar a elite negra e, por isso, ironizavam o significado de sua sigla, traduzindo o “CP” final, em vez de *Coloured People*, “pessoas de cor”, como “*Certain People*”: Associação Nacional para o Progresso de “Certas Pessoas”.

Essa discussão ideológica, fundadora da militância negra, ecoa no Brasil em pleno século XXI, quando certos setores ainda julgam que o ideal para negros e pobres é o ensino técnico profissionalizante no lugar do ensino clássico, mormente aquele baseado nas ciências humanas e sociais. Discussões à parte (ou não), a realidade é que nos Estados Unidos os descendentes de africanos são bem representados em ambas as possibilidades. Como exemplo, o livro *African America: portrait of a people*, de 1994, elenca afro-americanos vitoriosos no campo das invenções e descobertas tecnológicas e paralelamente enfoca obras de literatos e pensadores como Alex Haley, Alice Walker, Henry Louis Gates Jr., James Baldwin, Toni Morrison, Maya Angelou, entre outros.

No Brasil — onde só em 2004 surgiu uma entidade de ensino superior para alunos negros —, a imagem dos Estados Unidos vista na tevê, no cinema ou pela internet dá sempre a impressão de um território com população negra bem maior que a do nosso país. Mas os afro-americanos lá são apenas 12%, enquanto nós, afro-brasileiros, já passamos da metade da população nacional. Por que essa percepção distorcida das imagens?

A leitura deste livro talvez possa explicar.

Nei Lopes
agosto, 2020

Notas

¹ A partir de Hebe Maria de Mattos; *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*, 2.^a ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

² No Brasil, *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

CAPÍTULO I

UM ESCRAVO ENTRE ESCRAVOS

Nasci escravo numa fazenda em Franklin, na Virgínia. Não sei com exatidão o lugar e a data do meu nascimento; creio, porém, que vim ao mundo em 1858 ou 1859, perto do Forte de Hale, encruzilhada onde havia uma agência do correio. Mês e dia ignoro. As lembranças mais remotas que guardo ligam-se à fazenda, especialmente à parte dela ocupada pelos escravos — a senzala.

Comecei mal a vida, num meio triste e miserável, embora os meus senhores não fossem particularmente cruéis. Nasci numa cabana de madeira, de quatorze a dezesseis pés quadrados, e nela vivi com minha mãe, meu irmão e minha irmã até a Guerra Civil, quando nos libertaram.

Quase nada sei dos meus antepassados. Por pedaços de conversas dos negros, na senzala, conheci as torturas que os escravos, entre os quais, sem dúvida, os meus avós do lado materno, padeceram no navio que os transportou da África para a América; não consegui, porém, obter nenhuma notícia de valor sobre a história de minha família para lá de minha mãe, que tinha um meio-irmão e uma irmã, também meia. Naquele tempo ninguém prestava atenção à história genealógica e aos anais duma família de pretos. Um comprador, segundo creio, achou conveniente adquirir minha mãe e se tornou proprietário

dela e meu — negócio aproximadamente igual à compra dum cavalo ou duma vaca. De meu pai sei menos, desconheço até o nome dele. Contaram-me que era branco e residia numa fazenda vizinha, mas nunca ouvi dizer que se tivesse interessado por mim, que se houvesse de qualquer forma ocupado com a minha educação. Não o acuso por isso: era mais uma vítima da instituição que o povo americano desgraçadamente introduziu no seu organismo social.

Minha mãe era a cozinheira da fazenda, e a nossa cabana servia de cozinha. De janelas nem sinal; apenas aberturas que davam passagem à luz e ao vento glacial do inverno. Havia também uma porta, ou qualquer coisa com este nome, mas era pequena, e os gonzos desarranjados, as grandes fendas que a rasgavam faziam com que a gente vivesse muito mal. Num canto, à direita, existia no muro o *buraco dos gatos*, rombo quadrado comum nas habitações da Virgínia antes da guerra. Tinha de sete a oito polegadas, e por ele o gato entrava e saía durante a noite. Isso ali era perfeitamente dispensável, pois havia nas paredes pelo menos meia dúzia de lugares por onde o gato podia passar. A casa não tinha soalho; só a terra dura. No centro, uma cova profunda onde se guardavam batatas no inverno. Lembro-me disso muito bem: quando metiam batatas no buraco ou quando as retiravam, eu conseguia às vezes passar os gadanhos em algumas, assava-as na cinza e regalava-me. Como não existia fogão, minha mãe cozinhava para os brancos e para os escravos em panelas e tachos, sobre trempes. Naquela cabana mal construída, o frio era duro no inverno, mas o calor do fogo era horrível no verão.

Os primeiros anos da minha infância correram como os de milhares de outros escravos. Minha mãe, é claro, só podia dedicar pouco tempo aos filhos: roubava para nós alguns instantes da manhã, antes de começar a tarefa, outros da tarde, quando o trabalho findava. Numa das minhas recordações mais antigas, vejo-a cozinhando um frango alta noite e acordando os filhos para comê-lo. De que modo ela achara o frango, e onde achara, não sei, mas presumo que ele vinha do galinheiro do proprietário. Há quem diga que isso é furto, penso que agora é furto; mas a coisa se passava naquele tempo, e ninguém me prova que, procurando um meio de alimentar-nos, minha mãe cometesse um crime.

Não me lembro de ter dormido em cama antes da alforria da minha família. Éramos três moleques: John, o mais velho, Amanda e eu. Dormíamos no chão, numa esteira, enrolados em farrapos sujos.

Pediram-me há tempo que falasse das minhas brincadeiras infantis; nunca, porém, até o dia em que me tocaram nisso, me havia passado pela cabeça a ideia de que um minuto da minha vida se tivesse gasto com brinquedos. Desde que me entendo, executo quase todos os dias algum trabalho. Parece-me, entretanto, que seria hoje um sujeito mais útil se tivesse tido tempo de brincar.

Quando era escravo, muito novo ainda, não servia para grande coisa. Apesar disso, empregavam-me em varrer o pátio, carregar água para os homens do campo ou levar trigo ao moinho, uma vez por semana, serviço terrível, o pior de todos. O moinho ficava a cerca de uma légua da fazenda. O pesado

saco arrumava-se nas costas do cavalo, de sorte que fosse parte igual de trigo para cada lado, mas de ordinário os grãos se deslocavam, o equilíbrio se rompia, a carga ia abaixo — e eu com ela. Não tinha força para tornar a carregar o animal, às vezes ficava horas esperando que um transeunte me livrasse da dificuldade. E chorava, tremia de medo, porque, perdendo tanto tempo, chegaria tarde ao moinho. Quando acabassem de moer o trigo, seria noite, eu voltaria para casa no escuro. O caminho atravessava bosques cerrados — e corria que no mato fervilhavam desertores, que os desertores, encontrando um moleque sozinho, cortavam as orelhas dele. Além disso, brigavam comigo quando eu voltava tarde, ou davam-me uma surra.

Sendo escravo, não recebi nenhuma instrução. Fui muitas vezes até a porta da escola, carregando os livros duma das pequenas donas da gente — e algumas dúzias de meninas e meninos numa classe, estudando, muito me impressionaram: aquilo era um céu.

Um dia, muito cedo, acordei vendo minha mãe inclinada sobre nós a rezar, pedindo a Deus que as forças de Lincoln triunfassem e nos dessem a liberdade. Aí percebi que vivíamos na escravidão, mas que isto não era mal sem remédio.

Nunca pude saber como os pretos do Sul, ignorantes quase todos em livros e jornais, conheciam tão bem as grandes questões que agitavam o país. Desde o tempo em que Garrison, Lovejoy e outros começavam a campanha abolicionista, os escravos seguiam de perto os progressos do movimento. No começo da Guerra Civil eu era menino, mas lembro-me de

várias discussões cochichadas à noite entre minha mãe e outros escravos da fazenda. Essas conversas mostravam que eles, reunindo os boatos, compreendiam a situação, estavam a par dos acontecimentos. Da primeira vez em que Lincoln foi candidato à presidência da República, todos os debates se divulgavam na fazenda, muitas léguas distante de linha férrea, cidade ou jornal. Durante a guerra nenhum escravo lá ignorava que, embora houvesse outros negócios em jogo, o principal era a escravidão. Até nas roças mais afastadas, as pessoas mais brancas da minha raça sabiam perfeitamente que, se os exércitos do Norte vencessem, os pretos se libertariam. Comentavam-se com o mais vivo interesse as vitórias das forças federais e as derrotas das confederadas; muitas vezes os escravos se informavam das batalhas antes dos brancos.

As notícias eram geralmente colhidas pelo negro que ia ao correio buscar a correspondência. A nossa agência postal ficava a uma légua da fazenda, e a correspondência vinha uma ou duas vezes por semana. O homem que se encarregava de trazê-la tinha o costume de vagar longamente em redor da agência, para escutar as conversas dos brancos que ali se agrupavam, discutindo as notícias chegadas nas cartas. De volta, espalhava essas notícias entre os escravos, que se inteiravam às vezes de fatos consideráveis antes dos brancos da casa-grande, a habitação do senhor.

Não me lembro de, menino ou rapaz, ter visto minha família sentar-se à mesa, rezar e comer civilizadamente. Nas fazendas da Virgínia, as crianças arranjavam comida pouco mais ou menos como os animais, um pedaço de pão aqui, um bocado de carne

ali, às vezes uma xícara de leite, algumas batatas. Acontecia de certos membros da família comerem na panela, enquanto outros se serviam com os dedos em pratos de folha postos em cima dos joelhos. Quando fiquei um pouco taludo, chamaram-me à casa-grande para, nas horas das refeições, enxotar as moscas das mesas com uns leques de papel que se moviam por meio de roldanas. Naturalmente a maior parte da conversa dos brancos rolava sobre a liberdade e a guerra. Eu não perdia uma palavra. Vejo ainda uma das minhas jovens senhoras comendo bolos em companhia de algumas damas que a visitavam. Era isso o meu maior desejo: parecia-me que, se chegasse a libertar-me, seria completamente feliz enchendo-me de bolos como aquelas moças.

À medida que a guerra se prolongava, os víveres escasseavam. Com certeza os brancos sentiam as privações mais que os negros: pão de frumento e carne de porco a fazenda produzia, mas café, chá, açúcar não se cultivavam e era impossível obtê-los, por causa da guerra. Os brancos se atrapalhavam: fazia-se café com trigo torrado, e uma espécie de melaço escuro substituía o açúcar. Comumente não se adoçava aquele arremedo de chá ou café.

Os primeiros sapatos que usei eram de pau. Um pedaço de couro grosso em cima, solas de meia polegada, e de pau. Quando eu andava, faziam um barulho dos diabos; além disso, eram incômodos, não havia meio de calçá-los direito. Esses tamancos nos davam um ar confuso e ridículo.

Mas a prova mais dura que aguentei como escravo foi vestir a camisa. Naquela parte da Virgínia, os pretos se vestiam com

um pano ordinário, de linho de refugo, naturalmente o mais grosseiro e barato. Pior que aquilo só a extração de um dente. Era uma tortura medonha, qualquer coisa semelhante aos arranhões produzidos por dúzias de espinhos, por centenas de pontas de alfinetes. Ainda me recordo perfeitamente daquele horror. Não podia livrar-me, e por desgraça a minha pele era sensível demais. Se então me fosse possível escolher entre usar aquele suplício ou não usar nada, eu teria preferido andar nu. Pois meu irmão John sacrificou-se por mim, fez uma coisa admirável. Quando me obrigavam a estrear uma camisa, oferecia-se nobremente para vesti-la durante alguns dias, até amansá-la. Não conheci outra roupa enquanto fui menino.

Como grande número de brancos combatia numa guerra que teria como resultado a sujeição do preto caso o Sul triunfasse, julgarão talvez que a minha raça nutria sentimentos de animadversão contra os seus dominadores. Entre os negros da nossa fazenda isso não se dava, e também não se dava na massa da população do Sul, onde quer que o escravo tivesse um tratamento razoável. Na Guerra Civil um dos moços da casa-grande morreu e dois foram gravemente feridos. Recordo-me da tristeza que os pretos manifestaram quando souberam da morte do Senhor Billy. E não era uma tristeza fingida, longe disso. Alguns tinham cuidado do Senhor Billy quando ele era pequeno, outros haviam brincado com ele. Senhor Billy intercedera por muitos quando o feitor ou o amo os açoitava. A dor da senzala não era menor que a da casa-grande. À chegada dos rapazes feridos, exprimia-se de muitas formas a simpatia dos escravos: queriam tratá-los, velá-los. Essa bondade, essa ternura

da gente submissa, vinha da sua natureza generosa. Os brancos andavam na guerra — e os escravos dariam a vida para defender as mulheres e as crianças da fazenda. O que pernoitava na casa-grande, na ausência dos homens, ocupava um lugar de honra: teria de passar por cima dele quem pretendesse tocar na sinhá-moça ou na sinhá-dona.

Não sei se já notaram, mas hão de admitir, creio eu, que raramente um homem de minha raça, livre ou cativo, abusou da confiança depositada nele. Podemos dizer que, de modo geral, no correr da guerra os escravos não tinham ressentimento contra os brancos. Citam-se até numerosos exemplos de negros que sustentaram senhores arruinados. Sei de antigos proprietários salvos da miséria graças ao dinheiro enviado, anos a fio, pelos escravos. Também me disseram que pretos velhos contribuíram para a educação dos descendentes dos seus amos. Aqui vai um caso. Certo moço de família deu para beber, bebeu tanto que embruteceu e ficou pobre de fazer pena. Pois os negros da fazenda, pobres também, aguentam o rapaz há muitos anos, oferecem-lhe o que ele precisa para viver: café, açúcar, um pedaço de carne. Tudo quanto possuem é pouco para o filho do velho Senhor Tom. O filho do velho Senhor Tom não encolherá a barriga enquanto houver por ali quem, de perto ou de longe, tenha conhecido Senhor Tom.

Afirmei que uma pessoa da minha raça de ordinário não traía. Em uma cidadezinha do estado de Ohio vi há tempo um velho escravo que, dois ou três anos antes da abolição, tinha deixado o senhor, prometendo-lhe pagar um tanto por ano, até resgatar-se. Achando bons salários em Ohio, lá ficou. Quando a

liberdade veio, devia ainda uns trezentos dólares daquele negócio. Está claro que não devia nada, mas foi à Virgínia, a pé, e entregou ao antigo proprietário o dinheiro todo e mais os juros. Contando-me essa história, o homem me declarou saber que não estava obrigado a pagar semelhante dívida, mas que, tendo dado a sua palavra, era necessário cumpri-la. Não enganava ninguém. E não se considerava livre enquanto não tivesse pagado. Concluirei talvez que os escravos não aspirassem à liberdade. Não é exato: nunca vi um que não quisesse ser livre ou que desejasse voltar ao cativo.

Lastimo sinceramente a nação ou o grupo de indivíduos infelizes, presos na engrenagem da escravidão, mas já não tenho ódio aos brancos do Sul que nos mantinham cativos. Não é possível pretender que uma região seja mais responsável que outra por aquela desgraça, aliás reconhecida e amparada muitos anos pelo governo federal. Entrando na vida econômica e social da República, essa instituição dificilmente seria extirpada.

Por outro lado, se nos desembaraçarmos de parcialidade e preconceitos de raça e olharmos as coisas de perto, reconheceremos que, apesar da crueldade e da injustiça que aqui existiam, os dez milhões de negros educados na escola da escravidão americana estão em melhores condições, material, intelectual, moral e religiosamente que os do resto do mundo. Tanto isto é verdade que os negros deste país, criados no cativo, voltam frequentemente à África na qualidade de missionários, para instruir os que ficaram na antiga pátria. Longe de mim a ideia de justificar a escravidão. Sei que ela foi introduzida na América por motivos egoístas e não com um fim

humanitário, mas julgo que muitas vezes a Providência utiliza os homens e as instituições para realizar os seus desígnios.

Aos que me perguntam como, nas situações aparentemente desesperadas em que não raro nos achamos, posso ter confiança no futuro da minha raça neste país, lembro as vicissitudes por que passamos e de que saímos. Desde que cheguei à idade de refletir nessas coisas, penso que, não obstante os males terríveis de que foi vítima, o preto ganhou com a escravidão quase tanto quanto o branco. É certo que apenas o negro sentia as consequências funestas, coisa que se notava claramente em nossa fazenda. Todo o sistema da escravidão era concebido de forma que, em regra, se julgava o trabalho coisa degradante. Em consequência, as duas raças juntas numa fazenda procuravam livrar-se dele.

Não há dúvida de que, no lugar onde nasci, a escravidão fez a raça branca tornar-se irresoluta, perder a confiança em si mesma. Meu velho senhor tinha muitos filhos e filhas. Que eu saiba, nenhum escolheu uma profissão, nenhum se dedicou a qualquer indústria rendosa. As moças não entendiam de costura, de cozinha, de qualquer trabalho doméstico. Os escravos se encarregavam de tudo, mas não tinham interesse na fazenda, e a ignorância os impedia de fazer qualquer coisa com jeito. Por isso as cercas se estragavam, as portas rangiam ou saíam dos gonzos, os vidros se quebravam, o reboco não se consertava, o pátio se cobria de ervas. De ordinário havia uma comida especial para os negros, outra para os brancos. Na mesa dos senhores, porém, faltava essa delicadeza, esse cuidado minucioso que torna o lar inglês o mais confortável, o mais agradável, o mais atraente dos

lugares. Esbanjavam-se, além disso, de maneira insensata, os alimentos e outros objetos.

Libertando-se, o escravo se achava tão preparado quanto o seu amo para começar um novo gênero de vida, menos na parte relativa à instrução e ao exercício da propriedade. O antigo senhor e seus filhos, sem profissão, estavam imbuídos da ideia de que o trabalho manual não havia sido feito para eles. Com os escravos dava-se o contrário: tinham aprendido algum ofício e nenhum se envergonhava de trabalhar.

Enfim a guerra terminou e veio o dia grande, um dia memorável e cheio de incidentes. A liberdade, longamente esperada, estava no ar. Fazia meses que os desertores voltavam para casa; militares despedidos, ou de regimentos licenciados sob palavra, passavam constantemente por nós. Os boatos funcionavam dia e noite, notícias e rumores de acontecimentos notáveis iam rápido de fazenda a fazenda. A baixela e outros objetos de valor foram retirados da casa-grande, enterrados no bosque e guardados por escravos de confiança. Ai de quem tentasse mexer no tesouro escondido! Os pretos diriam tudo aos soldados ianques; comida, bebida, roupa, tudo, mas não a baixela de prata.

À medida que se aproximava a libertação, os cantos na senzala se tornaram mais numerosos que de ordinário: mais fortes, mais seguros, entravam pela noite. Muitas palavras desses cantos encerravam alusões à liberdade. Sem dúvida todos haviam cantado essas mesmas palavras antes, mas tinham o cuidado de explicar que a liberdade de que se tratava era no outro mundo, não tinha nada com esta vida. Agora tiravam a máscara e não

temiam declarar que a liberdade, em seus cantos, significava a do negro na terra.

Espalhou-se uma noite na senzala que no dia seguinte pela manhã haveria um acontecimento extraordinário na casa-grande. A excitação foi enorme, creio que ninguém dormiu direito. No outro dia cedo mandaram chamar todos os escravos, moços e velhos, à residência do senhor. Lá fui com minha mãe, meu irmão, minha irmã e mais negros em multidão. A família branca estava reunida na varanda, uns em pé, outros sentados, de modo que podíamos ver e ouvir bem. Havia nos rostos uma expressão de interesse sincero, talvez de tristeza, mas não de azedume. Recordando-me agora da impressão que experimentei, julgo que aquelas pessoas sentiam menos a perda duma propriedade que a ausência dos que ali se tinham criado e a que se ligavam por tantos laços. Lembro-me perfeitamente de que um desconhecido, provavelmente funcionário, fez um pequeno discurso e leu um extenso documento, a proclamação da liberdade, creio eu. Finda a leitura, disseram-nos que estávamos livres, que tínhamos o direito de ir para onde quiséssemos e quando quiséssemos. Minha mãe, chorando de alegria, inclinou-se e beijou-nos, confessou que nas suas rezas pedira aquilo, receando que a graça viesse tarde, não a encontrasse viva.

Nos primeiros momentos houve um regozijo doido, agradecimentos, manifestações de entusiasmo frenético. E em tudo isso nenhum sinal de animosidade para com os antigos senhores. Os escravos estavam comovidos e tinham pena deles.

A alegria excessiva dos negros emancipados só durou um instante: de volta à senzala, percebi que já havia neles uma certa

mudança. Jogados ao mundo com os filhos, precisando resguardar-se e resguardá-los, temiam responsabilidades e inquietavam-se. Eram como crianças de dez ou doze anos obrigadas, sem auxílio, a tomar decisões. Em algumas horas tinham abarcado problemas sérios que a raça anglo-saxã resolvera em séculos: o domicílio, uma profissão, a educação dos filhos e enfim deveres sociais, a necessidade de fundar uma igreja e mantê-la. Não admira, pois, que em pouco tempo os gritos de alegria morressem na senzala e viesse um abatimento profundo. A liberdade, agora adquirida, era coisa muito mais grave que o que tinham pensado. Havia escravos de setenta, de oitenta anos, e esses, coitados, ainda que achassem outra moradia, não tinham força para nenhum trabalho nem podiam viver fora dali, com amos novos. Para eles a liberdade era um peso.

Além disso, uma extravagância enchia os corações, um estranho apego ao senhor velho, à sinhá-dona, aos meninos, e contra semelhante fraqueza ninguém se podia defender. Tinham passado juntos meio século, era difícil a separação. E, às escondidas, os negros velhos deixavam a senzala, iam à casa-grande conversar em segredo com o senhor velho a respeito do futuro.

*image
not
available*

tímido, não me aventurava a falar com os brancos. Em algumas semanas pude, entretanto, distinguir muitas letras. Minha mãe participava das minhas ambições e auxiliava-me com vontade. Em ciência escrita era duma ignorância completa, mas desejava muito para os filhos, tinha um grosso bom senso que lhe permitia livrar-se honrosamente de situações embaraçosas. Se fiz na vida qualquer coisa útil, certamente devo isto a aptidões herdadas de minha mãe.

Por essa época, enquanto me estafava para instruir-me, chegou a Malden um negro moço de Ohio que sabia ler. Quando perceberam isso, procuraram um jornal, e, no fim do trabalho diário, homens e mulheres impacientes de ouvir notícias cercavam o rapaz. Eu invejava esse moço, a criatura mais digna de ser invejada no mundo, a que devia estar mais contente com a sua sorte.

Começavam então a tratar duma escola para meninos negros, a primeira que se ia fundar naquela parte da Virgínia, e toda a gente se interessou por esse acontecimento notável. Difícil era achar um mestre. Pensaram no rapaz de Ohio, o que lia jornais, mas esse ainda não tinha idade para o cargo. Nesse ponto correu que outro negro de Ohio, antigo soldado, regularmente instruído, vivia na cidade. Convidaram-no. E como a escola era particular, cada família consentiu em pagar-lhe um tanto por mês e hospedá-lo: o mestre ficaria com todas, dia aqui, dia ali. Não era mau negócio para ele, pois quando entrava numa casa, punham na mesa o que havia de melhor. Em nossa pequena cabana, eu esperava sempre com impaciência o *dia do mestre*.

*image
not
available*

E assim me fiquei chamando. Soube depois que minha mãe me havia dado o sobrenome de Taliaferro, muito cedo caído no esquecimento. Logo que o conheci, retomei-o e comecei a assinar-me: Booker Taliaferro Washington. Julgo que poucos homens neste país tiveram o privilégio de escolher um nome de semelhante modo.

Tenho às vezes tentado imaginar-me um sujeito de boa posição social, com antepassados cheios de honra e glória que me houvessem transmitido, do escuro dos séculos, nome, fortuna, uma propriedade que me desse orgulho; creio, porém, que se tivesse herdado essas vantagens todas, juntamente com a de pertencer a uma raça estimada, inclinar-me-ia a ceder à tentação de confiar nos avós e na cor da pele, em vez de fazer pelo meu desenvolvimento pessoal o que fosse necessário. Decidi há muitos anos deixar a meus filhos, em falta de antepassados, uma lembrança que eles possam guardar com altivez, que os anime a progredir.

É um erro julgar o negro, especialmente o negro moço, com precipitação e severidade. O rapaz negro luta com obstáculos, desfalecimentos e tentações que só ele conhece. O moço branco que se mete numa empresa qualquer deve, segundo a opinião geral, sair-se bem; com o negro se dá o contrário: todos se admiram quando ele não falha. Em resumo, o homem de cor estreia na vida com presunções contra ele. Contudo, a influência dos antepassados sobre os indivíduos, e portanto sobre a raça, tem valor, valor que não se deve exagerar, é claro. Os que apregoam a fraqueza moral do negro e comparam o

*image
not
available*

CAPÍTULO III

LUTA PELA EDUCAÇÃO

Um dia, mourejando na mina de carvão, percebi a conversa de dois mineiros que discutiam a respeito duma grande escola para negros instalada num ponto qualquer da Virgínia. Até então, relativamente a casas de ensino, eu só tinha ouvido falar em coisas miúdas como a que existia na cidade onde morávamos. No escuro, aproximei-me dos dois homens. E soube que a escola grande funcionava unicamente para indivíduos da minha raça, que os estudantes pobres aprendiam lá um ofício e podiam pagar com trabalho uma parte da pensão. Isto me pareceu a coisa melhor do mundo; o céu não devia ser mais atraente que a escola normal e agrícola de Hampton, assunto da conversa dos mineiros.

Logo decidi entrar nesse estabelecimento, apesar de não saber onde ele ficava nem o que devia fazer para chegar lá. Sabia é que precisava ir a Hampton — e este pensamento me atormentou dia e noite.

Continuei a trabalhar no carvão. Passados alguns meses, porém, ouvi referência a um emprego em casa do general Lewis Ruffner, proprietário do alto forno e da mina. A sra. Viola Ruffner, mulher do general, uma ianque do Vermont, tinha fama de ser dura demais com as pessoas que a serviam, especialmente com os homens. De ordinário ficavam em casa

*image
not
available*

hospedagem, mas os donos exigiam dinheiro, e era exatamente o que me faltava.

Nada tendo que fazer, passei nas ruas, observei numerosas exposições de comidas onde havia frangos assados e tortas de maçã em forma de meia-lua, coisas que me enchiam a boca d'água. A tentação era tão grande que eu trocava os sonhos do futuro por uma coxa de frango ou uma torta. Nem frango nem torta, absolutamente nada para comer.

Caminhei até depois de meia-noite. Por fim não pude mais avançar. Estava morto de fome e cansaço, mas a coragem não me abandonava. Detive-me num canto de rua, junto a uma calçada muito alta, convenci-me de que ninguém me via e arreei, estirei-me no chão, o saco de roupa servindo-me de travesseiro. Durante a noite ouvi sempre rumor de passos por cima da minha cabeça.

Levantei-me no dia seguinte um pouco melhor, mas a fome era horrível. Quando a manhã clareou e distingui as coisas em redor, notei que me achava perto dum grande navio donde se descarregava ferro fundido. Apresentei-me ao capitão, pedi-lhe que me deixasse trabalhar na descarga para obter almoço. O capitão, um branco, tinha bom coração e aceitou-me. Trabalhei muitas horas — e a refeição que tomei depois foi a melhor da minha vida. Ficaram satisfeitos comigo e convidaram-me para continuar na descarga com salário pequeno. Fiquei ali vários dias. Pago o alimento, não sobrava muito para a soma necessária à viagem. Desejando chegar logo ao meu destino, economizei quanto pude. E continuei a dormir na calçada.

*image
not
available*

Quanto mais envelheço, mais me convenço de que nenhuma educação adquirida em livros e nos mais luxuosos laboratórios iguala a que nos proporciona o contato dos grandes homens e das grandes mulheres. Em vez de estudarmos constantemente em livros, acho que seria melhor estudarmos os homens e as coisas.

No fim da vida, o general Armstrong passou dois meses na minha casa de Tuskegee. Estava parálítico: mal podia mexer-se e tinha perdido a fala quase completamente. Enfermo assim, trabalhava sem descanso, noite e dia, pela causa a que se havia dedicado. Negligenciava os seus interesses, creio que nunca teve um pensamento egoísta. Com o mesmo entusiasmo, trabalhava em Hampton e auxiliava estabelecimentos do Sul. Tinha-se batido contra os sulistas na Guerra Civil, e entretanto nunca o ouvi dizer sobre eles uma palavra amarga; longe disto: esforçava-se por achar meio de servi-los.

Ninguém imagina cá fora a autoridade que o general exercia sobre os estudantes, a confiança que inspirava. Adoravam-no. Dificilmente poderíamos supor que ele se metesse numa empresa e falhasse, que pedisse qualquer coisa e os outros não corressem para atendê-lo. Quando estava em minha casa, no Alabama, doente que mal se afastava da cadeira de rodas, um dos seus antigos alunos julgou-se feliz conduzindo-o, com enorme esforço, até o cume duma colina íngreme. Chegando lá em cima, esse homem exclamou, cheio de alegria:

— Que felicidade! Enfim pude fazer alguma coisa pelo general.

*image
not
available*

casados, e esses precisavam fazer milagre para sustentar as mulheres.

A ambição de todos era o aperfeiçoamento da raça, ninguém pensava em si mesmo. E os mestres, os melhores do mundo, trabalhavam sem cessar. No dia em que se souber o que os professores ianques fizeram pela educação dos negros depois da guerra, um capítulo novo, impressionante, surgirá na história deste país. Esse dia não está longe. E então o Sul compreenderá o que até hoje tem ignorado.